

# Sem título (dor sobre papel): reflexões psicanalíticas sobre um poema de Dora Ferreira da Silva<sup>1</sup>

Maria Lucia Castilho Romera- UFU ; SBPSP

## RESUMO:

A partir de considerações sobre a Poesia, a Psicologia e a Psicanálise, esse texto pretende reconhecer o caminho efetivado para o resgate de uma experiência onde o sagrado retoma seu lugar através da recuperação do desejo, interpretado na escrita poética. A partir da lente psicanalítica, pretende-se propor significações possíveis para um poema de Dora Ferreira da Silva, no sentido de enlaçar a força significante dele emanada para um mundo em flagrante esvaziamento. Pretende-se efetivar um caminho original, por ser próprio à peculiar relação estabelecida entre o leitor interpretante e o poema interrogante. Esse, com sua clareza indefinível, desafia o leitor a desassociar o enredo preposto e a recriar os poemas em infinitudes possíveis de variações. Do choque entre o dito e o *desdito* há (verá) possibilidades de resvalar pela dolorosa verdade de se estar sempre a procura daquilo que nunca houve, não por nunca ter sido visto, mas por ter sido e, por isso, já não mais... restos de marcas, moções de visões em completudes absolutas!

PALAVRAS-CHAVE: poesia, Dora Ferreira da Silva, psicanálise, método interpretativo

## Enlaces norteadores

Como inventar uma articulação possível entre a poesia, a psicologia e o sagrado? Configura-se aí um desafio que se faz necessário no mundo onde as relações consubstanciais parecem esvaziadas!

Entendo a poesia como antídoto ao anestesiamiento dos afetos, das relações, das constrições psíquicas. A poesia abre aquilo que parece fadado a recrudescer. Entendo-a como forma de resistência a todo ato de desumanização, de exclusão, de recusa ao enfrentamento com o que é insólito, estranho, diferente...por vir!

Quanto à Psicologia, eu a concebo como...ou melhor, ela é que me concebeu enquanto portadora de uma destinação ao cuidar! Cuidar do humano e das fragilidades a ele concernentes! Entretanto, compartilho com as ideias de Luiz Alfredo Garcia-Roza (1977) acerca da Psicologia enquanto *espaço de dispersão do saber*. Ao ter-se comprimido no limite do observável para ser reconhecida enquanto Ciência, talvez já contasse que seus fundamentos saíam pelos vãos dos dedos e buscariam por toda parte, ecos e elos daquilo que a fez nas origens: a indagação, a filosofia, os saberes que se alojam no avesso das ciências positivas! Por isso podemos pensar a Psicologia inserida entre a Poesia e o Sagrado. E mais, em consonância com a destinação de perder-se e de se achar, próprio à Psicologia na sua dispersão, insere-se a Psicanálise encaminhando uma espécie de radicalidade no reconhecimento de uma forma de ler e ver o mundo: a lente ou a lógica do inconsciente! Uma espécie de matriz impar das ciências humanas!

Em relação ao Sagrado, minha presença-aprendiz no POEIMA<sup>2</sup>, tem me possibilitado uma apreensão inusitada entre o poético, o imaginário e a condição

---

<sup>1</sup>Texto apresentado no II Colóquio Internacional Vicente e Dora Ferreira da Silva III Seminário de Poesia: poesia, filosofia e imaginário, na Mesa redonda: Poesia, Psicologia e Sagrado (22/05/15)

<sup>2</sup>Grupo de Estudos e Pesquisa Poética e Imaginário do Ileel-UFU

desejante. Esta última, mais familiar, na medida do possível, a todo psicanalista. Considero aqui, como sagrado, aquilo que sempre estará a faltar ou seja, o **desejo!** Em relação a esse conceito entende-se, com Freud, que ele encerra a vivência de uma satisfação (ou várias) de necessidade(s). Tal vivência cria uma imagem do objeto satisfatório que enquanto tal é volátil. Essa imagem assume um valor preferencial na constituição do desejo do indivíduo. Ela poderá ser reinvestida na ausência do objeto real (satisfação alucinatória do desejo) e irá guiar sempre a ulterior procura do objeto satisfatório. Mas... lembrem-se é uma imagem recorrente da satisfação, uma busca...quase insana...mas que faculta ao indivíduo a sujeição, por não ser completo e para fugir da tentação de ser completo. *Há-verá* sempre uma ilusão de completude que fica registrada na forma de moções. Condições desejantes!

Na indústria ou mentalidade do(s) excesso(s) tampona-se a condição desejante ou seja, o furo, o frágil, o fundamento do humano. E confundindo tal condição com a satisfação plena de necessidades, esta fica escamoteada. Somente nos momentos e espaços de existência mais vulneráveis, incomensuráveis, abre-se a possibilidade de algo a faltar! Como já salientamos em momento anterior: “Há algo de que e sobre o que não se diz. Há o mistério, o sagrado. Há o irrepresentável como há o inconsciente”(BORGES & ROMERA, 2013 p. 118). É nesse sentido que o caminho investigativo no presente trabalho haverá de ser traçado ou melhor, foi traçado. A interpretação a partir da destradição de um poema reinventou um caminho de elaboração de uma perda ...ou tantas perdas!

### **Interpretantes:** a invenção sob medida

Colocando a poesia e o imaginário como pano de fundo, começo com uma citação de Freud.

“Nós, leigos, sempre sentimos uma intensa curiosidade (...) em saber de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, retira seu material (histórias)<sup>3</sup>, e como consegue impressionar-nos...e despertar-nos emoções das quais talvez nem nos julgássemos capazes. Nosso interesse intensifica-se ainda mais pelo fato de que, ao ser interrogado, o escritor não nos oferece uma explicação, ou pelo menos nenhuma satisfatória; e de forma alguma ele é enfraquecido por sabermos que nem a mais clara compreensão interna (*insight*) dos determinantes de sua escolha de material e da natureza da arte de criação imaginativa em nada irá contribuir para *nos tornar* escritores criativos...Se ao menos pudéssemos descobrir em nós mesmos ou nossos semelhantes uma atividade afim à criação literária! Uma investigação dessa atividade nos daria a esperança de obter as primeiras explicações do trabalho criador do escritor. E, na verdade, essa perspectiva é possível. Afinal, os próprios escritores criativos gostam de diminuir a distância entre a sua classe e o homem comum, assegurando-nos com muita frequência de que todos, no íntimo, somos poetas, e de que só com o último homem morrerá o último poeta”. (FREUD, 1907, p.149)

Freud passa a considerar, nesse texto, mais detidamente, a questão da fantasia e sua função na economia e dinâmica psíquica. Nesse sentido, começa por abordar a ocupação favorita e intensa da criança que é o brinquedo ou os jogos. Toda criança brincando se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio ou

---

<sup>3</sup> No texto, Freud se refere a uma indagação idêntica a essa feita pelo Cardeal Ippolito d'Este um dos protetores de Ariosto, que a ele dedicou *Orlando Furioso*. A única recompensa do poeta foi a pergunta: “Onde encontrou tantas histórias Lodovico?”

rearranja os elementos de seu mundo de uma maneira nova que lhe agrade. Freud alerta “a antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real” (FREUD, 1907, p.149).

O escritor ou o poeta faz o mesmo que a criança que brinca: ele cria um mundo de fantasia, que leva muito a sério. Ao crescermos não mais levamos muito a sério as nossas fantasias... até as escondemos, ou seja, não suportamos mais fazer ligações entre as coisas imaginadas e as coisas visíveis e tangíveis do mundo real. As fantasias dos adultos são mais difíceis de se observar do que as brincadeiras das crianças, eles têm vergonha de suas fantasias por serem infantis e proibidas e as esconde dos outros. A brincadeira das crianças é determinada por desejos: por um único desejo, que ajuda seu desenvolvimento, o desejo de crescer e ser adulto. A força motivadora das fantasias são desejos não satisfeitos e toda fantasia é a realização de um desejo, a correção de uma realidade insatisfatória.

Freud trabalha ainda, nesse texto, a relação entre a fantasia e o tempo articulando-o com o conceito de desejo. Assim, qual seria a conexão existente entre a vida do escritor com seus escritos imaginativos e poéticos, a vida do adulto com suas fantasias atormentadoras ou alentadoras e a criança com seus brinquedos?

Para Freud, à luz da compreensão interna de tais fantasias: “uma poderosa experiência no presente desperta no escritor uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se origina então, um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga” (FREUD, 1907, p.156)

Freud está tendo como princípio ou suposição fundamental que “a obra literária, como o devaneio, é uma continuação, ou substituto, do que foi o brincar infantil.” (FREUD, 1907, p.157)

Então...vamos tentar brincar:

Recebi, por e-mail, de Eni<sup>4</sup> o poema ...que começava *não vi teu rosto*... Não havia título! Abria-se aí, uma destinação ao vazio...tanto pelo fato de um rosto não ser visto (e não era a cara...!!! Era o rosto!!!) como pelo impacto em mim gerado do título que não há-via ! Ela me pedia, á época o título da minha fala nessa mesa...e eu...não sabia!!!! Li todo o poema ...en-canta-dor. Depois da palavra rosto ou através dela, todo o verso passa a ser a construção de uma linguagem que se torna natureza. O que ver onde só há o não ver? De que ou de quem é o poder que renasce? Há um mistério sustentador daquilo que é só porvir. Abrindo-se para tais questões, o texto passa a ser letra plural a partir da particularidade inventada na poesia, pela poesia. A particularidade da história que constituiu Dora elaborada nos seus versos, passa a ser nossa, minha e dela, plural.

DFS trouxe para mim o brilho atraente e assustador do *hades* conjugando com algo de meu desejo: há algum tempo, dois a três anos, venho me ocupando com a elaboração de uma espécie de “proto-teoria” (a poder vir a ser um conceito ou podendo vir a ser um conceito) relativa à *função orfeica*. Esboça-se essa, enquanto posição tomada pelo analista, em situações de iminência de perdas, de acompanhamento de perto da morte: de alguém relacionado a ele, de um paciente ou pessoas que os pacientes estejam cuidando. Um texto deu abertura a essa investigação: *Envelhe Ser e a função orfeica*<sup>5</sup>.

Assim, com esta minha implicação à poesia de Dora tornou-se possível esquadrihar algo da interpretação psicanalítica entendida enquanto ficção em arte. O psicanalista é convocado, por todo e qualquer fenômeno humano, à condição interrogante-interpretante dos signos, do texto, da fala em afetos na direção de seus efeitos. Diante do poema de DFS, que para mim chegou sem título, arrisquei-me a traçar

---

<sup>4</sup> Forma afetiva de me referir a Profa. Dra Enivalda Nunes Freitas e Souza, coordenadora desse II Colóquio e do POEIMA.

<sup>5</sup> Trabalho apresentado em Reunião Científica da SBPSP em Nov/2012

um caminho em direção ao sentido original. Original por ser próprio à peculiar relação estabelecida entre o leitor interpretante e o poema interrogante. Esse, com sua *clareza indefinível* convida ou desafia o leitor-psicanalista a desassociar o enredo preposto e a recriar os poemas em infinitudes possíveis de variações, destraduzindo-os e criando aberturas de interpretação.

E assim...

Koré— “sem título”<sup>6</sup>

I

Não vi teu rosto.  
Mas teu poder cada manhã nascia  
para morrer nos carros de ouro do crepúsculo.  
No espaço  
a lua adormecia  
sobre o sono dos mortos  
e entre todos era belo teu rosto  
claro mas indefinível  
secreto.

Secreto teu rosto,  
era belo...  
Para morrer nos carros de ouro do crepúsculo  
(re)nascia seu poder a cada manhã.  
Mas  
sobre o sono dos mortos  
(H)a lua a-dormecia  
Entre todos sem pronome, Não vi.  
No espaço,  
indefinível clareza.

Meu coração ardia  
quando entre as sombras  
erravas pelos caminhos frios.  
Onde a marca de teus pés  
tão finos  
na extensão do mundo?

Na extensão do mundo  
(Quando) Meu coração ardia  
Erravas pelos caminhos frios  
entre as sombras  
a marca de teus pés  
tão finos  
Onde?

Teço violetas pequenas

---

<sup>6</sup> O destaque em vermelho serve para designar a destradução da autora do presente texto, ou seja, sua interpretação implicada ao verso de DFS

busco o narciso selvagem  
nas planícies distantes.  
Meu Senhor virá sem que o vejam  
meu olhos fartos do dia.  
À noite  
entre estrelas acesas  
verei seus olhos sombrios.

Busco violetas pequenas  
Teço o narciso selvagem  
Nas planícies distantes  
Virá  
Meu senhor  
sem que o vejam  
entre estrelas sombrias  
seus olhos acesos

Nas marcas das ideias postas por Fábio Herrmann “...o analista trabalha criando variações sobre a tradução do inconsciente que lhe traz o analisando”. DFS trouxe-me, através de seu(s) poema(s), a possibilidade de implicar-me no jogo de sua lógica poética e nesse movimento desacerta-la. Abre-se mão da posse do significado último do verso, jogando com associações livres de pretensões, mas esquadrihadas pela letra em direção ao símbolo. Do choque entre o dito e o des-dito *há*(verá) possibilidades de resvalar pela dolorosa verdade de se estar sempre a procura daquilo que nunca houve, não por nunca ter sido visto, mas por ter sido e, por isso... já não mais... restos de marcas, moções de visões em completudes absolutas!

O título do poema, Koré, identifiquei logo que me chegou às mãos as obras completas da poeta. Koré, mito associado à virgindade. Já havia dado o título da minha fala para a mesa do II Colóquio: “Sem título (dor sobre papel): reflexões psicanalíticas sobre poemas de Dora Ferreira da Silva”. Captara no poema uma dor profunda advinda de uma perda, não qualquer perda, mas aquela que nunca houve pela ausência de registro de haver existido. Dora ao afirmar na entrada do poema “não vi teu rosto” anunciava a premência de invenção daquilo que lhe faltara substancialmente: (seu pai). Mas anuncia, também, que é preciso não ver para se acessar uma outra ordem de possibilidade de existência. No poema tal existência é dada por sua origem

No texto intitulado “Bashô” do livro A infância de Adão e outras ficções freudianas, Fábio Herrmann para falar sobre o conceito de interpretação psicanalítica recorre à poesia de Bashô a partir de uma experiência lúdica-fantasiada-interpretativa com alguns de seus poemas ou haikais.

Efetivou ele o que chamou de destradição fazendo com essa uma analogia com a função interpretante no ofício do analista. Dou-lhes um exemplo:

Tempestade de inverno:  
Mesmo o macaco  
Quer uma capa.

Temporaneve:  
Implora

## Macacocapa

A neve do tempo  
Na capa do macaco  
Implora

O autor argumenta que esse modo de intervenção resultantes de uma *associação livre* são equivalentes ao material de uma sessão, “em sua relação com o inconsciente” (HERRMANN, 2002, p.40).

E continua se perguntando, como a um interlocutor imaginário: “Como voltar dessas associações (...) ao texto original?” (HERRMANN, 2002, p.40). Para responder contundente “não há maneira alguma”. E assevera:

“A única maneira de caminhar em direção ao sentido original é, por conseguinte, afastando-se ainda mais, destraduzindo a tradução como se tentou fazer (...) A leitura das destraduzições não conduz ao sentido verdadeiro ou para perto dele, reconheço. Apenas desestabiliza a ilusão de se estar de posse do significado. Algo tem a ver com os haikais, porém, essas novas associações. Não é impossível que a leitura dos originais levasse alguém, de associação em associação, até resultados parecidos. Mais precisamente, o choque entre tradução e a destradução, talvez produza um efeito sobre o leitor, convide-o a associar também, a recriar os poemas em inúmeras variantes. Este processo não o conduzirá ao ponto certo, mas sim ao correto ponto de vista, caso os originais estivessem perdidos para sempre. A um devaneio produtivo, a uma série de erros necessários que concebivelmente o fariam cruzar, em certo momento, a linha associativa que algum leitor do original poderia haver seguido. Claro, nunca saberíamos com exatidão quando isto se deu”. (HERRMANN, 2002, p.40-41)

E finaliza: “assim trabalha o analista. Criando variações sobre a tradução do inconsciente que lhe traz o analisando, convida-o a um equívoco jogo de desacertos que podem cruzar com verdade. O paciente, que sofria de significado, chega a experimentar sentidos. Parece não existir melhor procedimento, em todo caso (...) Se traduzir torto é associar, destraduzir é interpretar psicanaliticamente.” (HERRMANN, 2002, p.41)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FREUD, S. Escritores criativos e devaneios (1907). In Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. volIX, 1969 .
- GARCIA-ROZA, L. A. Psicologia: um espaço de dispersão do saber. *Rádice*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 20-26, 1977.
- HERRMANN, F. A infância de Adão e outras ficções freudianas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- ROMERA, M.L.C.; BORGES, F.G.A. Nos vãos e des-vãos do mito: a clínica psicanalítica e a constituição psíquica. In CUNHA, B.R.R. (org). Entre o mito, o sagrado e o poético: ecos de uma sintonia. 1 ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- SILVA, D.F. da. Poesia reunida. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 1999.